

O CONTO do Vigário

Fernando Pessoa

Prefácio de
António Bagão Félix



O CONTO do Vigário



O Conto do Vigário
Fernando Pessoa

PREFÁCIO

Antônio

Bagão

Félix

O Conto do Vigário

Autor

Fernando Pessoa

Prefácio

António Bagão Félix

Editor

Centro Atlântico

Colecção

Classicus

Coordenação editorial

Helena Oliveira

Revisão

Centro Atlântico

Capa e paginação

Susana de Campos Moraes

Impressão e acabamento

Papelmunde – SMG, Lda

1.ª edição: Março de 2011

ISBN: 978-989-615-112-6

Depósito Legal: 325535/11

© Centro Atlântico, Lda., 2011

Ap. 413

4764-901 V. N. Famalicão

Portugal

geral@centroatlantico.pt

www.centroatlantico.pt

Reservados todos os direitos por Centro Atlântico, Lda.
Qualquer reprodução, incluindo fotocópia, só pode ser
feita com autorização expressa dos editores da obra.

Índice

11
pág.

Prefácio de
António Bagão Félix

31
pág.

Um Grande Português /
A origem do Conto do Vigário
contado por Fernando Pessoa

Prefácio

**Antônio
Bagão
Félix**



Prefácio

«A olhar a mentira dos salões esquecemos a verdade das celas»

(Miguel Torga)

Fernando Pessoa legou-nos esta deliciosa e sagaz história, escrita em 1926, com o sugestivo título *Um grande português*, que três anos mais tarde foi publicada já com o nome *A origem do conto do Vigário*.

A palavra ‘vigário’ tem uma semântica muito própria: trata-se do indivíduo que substitui ou faz as vezes de um outro. Um termo que ficou relativamente proscrito na sua acepção original, a não ser na hierarquia eclesial, como é o caso do Vigário-geral, que é quem substitui o Bispo no trabalho burocrático e amanuense da diocese.

Acontece que Pessoa fala-nos, não de um vigário, mas do senhor Vigário. Manuel Peres Vigário, de nome completo. Um ribatejano dos sete costados, habituado a um quotidiano feito de la-

bor e negócio. Uma história, em que a osmose entre o seu nome Vigário e o ter sido um vigário no sentido literal do termo, ao fazer as vezes de um outro, por sinal trapaceiro, alterou o conto do Vigário que passou, definitivamente, ao genérico e hifenizado conto-do-vigário. Às vezes, maliciosa ou ignorantemente, também associado à prelatura religiosa, donde uma outra expressão popular, «*ensinar o padre-nosso ao vigário*», pela qual se pretende insinuar que se está a dar lições a quem sabe melhor ou mais do que se pensa.

Já passaram oitenta anos desde que o *O “Notícias” Ilustrado* deu à estampa esta narrativa na vida do Vigário. Muito mudou, na circunstância, entenda-se. Os contos viraram euros, mas o conto ainda o é. Na essência. E o senhor Vigário, lavrador e ribatejano, de que nos fala Pessoa, metamorfoseou-se num ambiente de globalização e de exuberância tecnológica. É claro que continua a haver o vigário doméstico ou local, com uma métrica modestamente artesanal de enganar o parceiro. Mas a sofisticação da trapaça é agora universal, sem muros ou obstáculos.

A Origem
DO CONTO
do Vigário

Fernando Pessoa



UM GRANDE PORTUGUÊS

A origem do Conto do Vigário

Vivia, há já bastantes anos, algures num concelho do Ribatejo, um pequeno lavrador e negociante de gado chamado Manuel Peres Vigário.

Chegou uma vez ao pé dele um fabricante de notas falsas e disse-lhe: «Sr. Vigário, ainda tenho aqui umas notazinhas falsas de cem mil réis que me falta passar. O senhor quer? Largo-lhas por vinte mil réis cada uma».

«Deixe ver», disse o Vigário; e depois reparando logo que eram imperfeitíssimas, rejeitou-as. «Para que quero eu isso?», disse; «isso nem a cegos se passa».

O outro, porém, insistiu; Vigário, regateando, cedeu um pouco. Por fim fez-se negócio de vinte notas, a dez mil réis cada uma.

Sucedeu que dali a dias tinha o Vigário que pagar a dois irmãos, negociantes de gado como ele, o saldo de uma conta, no valor certo de um conto [milhão] de réis. No primeiro dia da feira, em



O CONTO do Vigário

Mudam-se os tempos, mudam-se os contos-do-vigário. Mas, no essencial, mantém-se aquilo que os define:

«Já passaram oitenta anos desde que *O "Notícias" Ilustrado* deu à estampa esta narrativa na vida do Vigário. Muito mudou, na circunstância, entenda-se. Os contos viraram euros, mas o conto ainda o é. Na essência. E o senhor Vigário, lavrador e ribatejano, de que nos fala Pessoa, metamorfoseou-se num ambiente de globalização e de exuberância tecnológica. É claro que continua a haver o vigário doméstico ou local, com uma métrica modestamente artesanal de enganar o parceiro. Mas a sofisticação da trapaça é agora universal, sem muros ou obstáculos.

Há os vigários tóxicos, os vigários prolixos e os vigários que passam entre os pingos da chuva. Seguramente todos nocivos. Há, também, os vigários políticos e eleitorais que prometem sem cumprir, para crédulos e votantes sempre disponíveis para recair no conto-do-vigário.

A própria linguagem amaciou a técnica do vigário. Não mente, limita-se a dizer uma inverdade. Não tem conflitos de interesses, antes está a tirar partido de uma sinergia. Não comete burlas, o que enfrenta, coitado, são imparidades. Não é aldrabão, assume-se como flexível. Tacticamente Individualista, diz que nada tem a ver com a vida dos outros, para que os outros o deixem à vontade na sua vida. Para ele, os fins justificam, sem pestanejar, qualquer meio».

António Bagão Félix

**Colecção
Classicus**